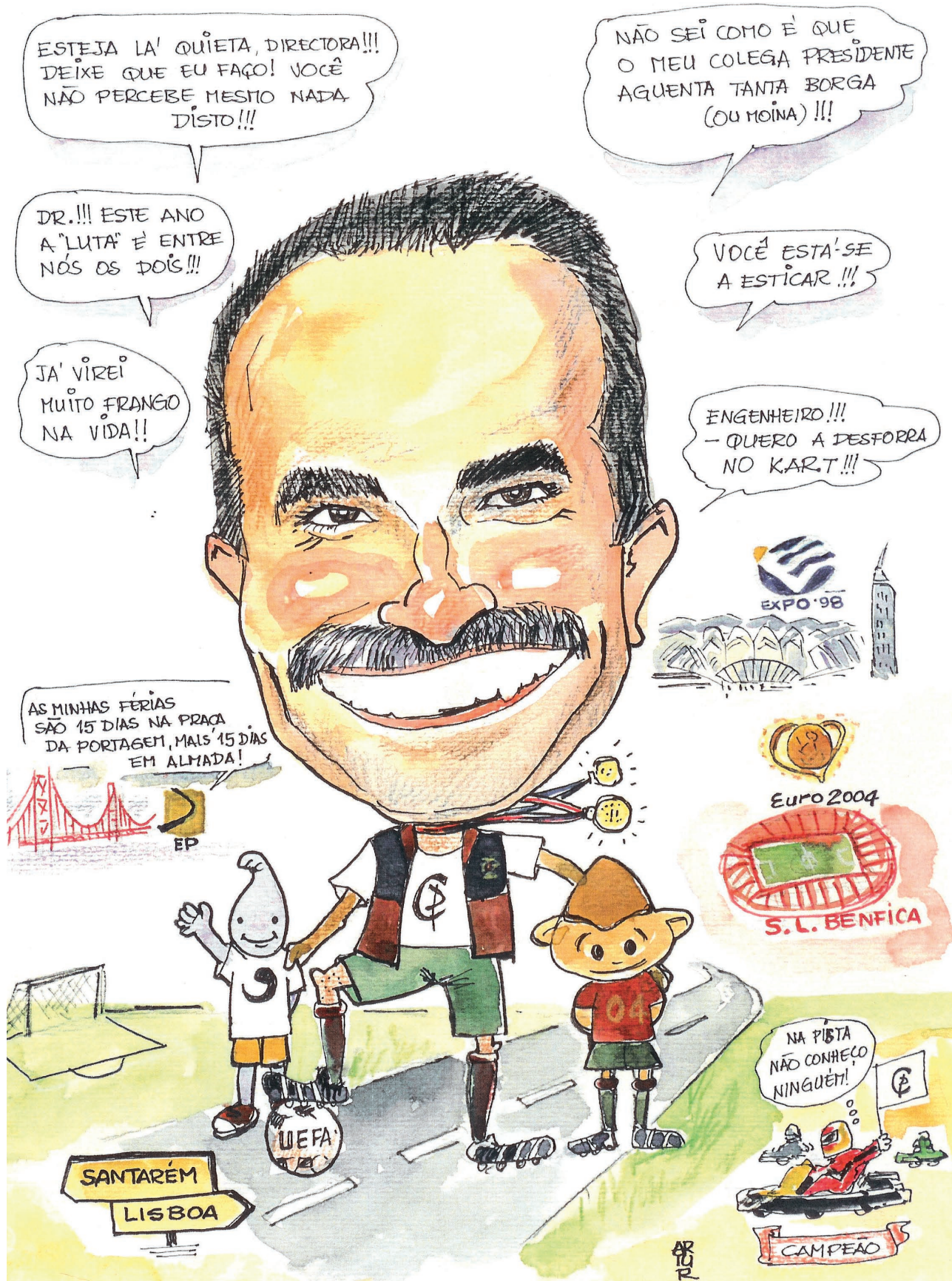


Um dos criadores da Expo'98 e Euro'2004



António Laranjo

O engenheiro que sente saudades do futuro

A gestão de projectos é a sua vida, alicerçada numa relação de total e saudável dependência do trabalho. Insatisfeito, por natureza e opção, quer sempre mais e melhor. Chama-se António Laranjo, este homem que tem da lealdade uma noção nobre, que lhe perpassa a vida e a profissão. A eficiência faz dele o maior gestor de projectos em Portugal. E o desejo de os ver concretizados estimula-lhe já saudades do futuro.

Textos de Clara Santos Silva

CONHECIDO pelas suas características humanas, António Carlos Laranjo da Silva nasceu em pleno período de guerra fria, a 7 de Setembro de 1958, na cidade de Lisboa, que assume amar como ninguém. Os seus dois primeiros anos foram passados em Odivelas, mas a família acabaria por se fixar em terras de Santarém.

Hoje, aos 49 anos, ainda guarda na memória lembranças de uma infância feliz na “Capital do Gótico”, na altura uma cidade pequena, de ruas estreitas. Nem todos reconhecem o seu nome, mas a sua marca está presente nos maiores projectos nacionais do Séc. XX e já do Séc. XXI. Da Expo’98, que catapultou Portugal para a liderança das grandes exposições internacionais do Século XX, à Rede de Alta Velocidade, nada lhe tem escapado no campo dos projectos.

O seu percurso, a forma como encara a vida, muito tem a ver com as suas raízes humildes. Dado não ter quaisquer ligações à terra que o acolheu desde cedo, Santarém, sempre viveu no seio de uma unidade familiar muito forte. Com um irmão mais velho, e uma irmã mais nova, sempre foi aquele que mais interesse mostrou pela profissão do pai, mecânico de automóveis. Companheiro sempre presente, viu no trabalho do pai a ocupação dos seus tempos livres, e uma fonte de aprendizagem. A paixão pelos motores e o cheiro do óleo





Com um ano de idade

levaram-no a seguir, na época, o Curso Geral de Mecânica, até porque a alternativa seria o liceu, que se destinava aos “meninos ricos”, grupo no qual não estava incluído.

Com um olhar vivo e perspicaz, que o acompanha até aos dias de hoje, foi uma criança como as outras, mas sempre bom aluno, dedicado a tudo aquilo em que se envolvia. Fruto das exigências políticas do Estado Novo, e da forma como era vista a Educação Nacional, viu-se obrigado a pertencer à Mocidade Portuguesa, como tantos outros rapazes da sua geração, na fase entre os 7 e os 14 anos.

A natureza sempre foi uma presença constante na sua vida. As suas aventuras nos descampados, com os amigos de brincadeira, jamais foram esquecidas. Criança tra-



Aos 10 anos

quina talvez não fosse, mas a sua expressão não esconde a vontade que sempre teve de viver intensamente o dia-a-dia, talvez um pouco como os escalabinos, à época, caracterizados pela força que sempre lhes foi associada pela ligação aos touros.

A vida ditou que o pai, Rogério Silva, mecânico especializado da Volkswagen, regressasse a Lisboa em trabalho. Apesar da luta diária, a mãe, Manuela Laranjo da Silva, doméstica, ficou com os três filhos, aguardando o momento certo para se juntarem novamente.

Corria o ano de todas as mudanças, 1974, quando o regresso de toda a família a Lisboa se deu. O País passava por momentos difíceis. Os



Com amigos num acampamento próximo de Alpiarça

portugueses, habituados à censura e à ausência de liberdade pública, atravessavam desorientados problemas políticos, sociais e económicos. Como a sorte sempre o acompanhou, a História acabaria também por mudar a sua vida.

Aos 15 anos, com uma ambição que o levaria longe, iniciou as explicações que iriam prepará-lo para a admissão ao Instituto Industrial de Lisboa, precursor do actual Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. A poucos dias de completar os 16 anos, matriculava-se no ensino médio, assim considerado por pouco tempo. A ruptura política e as alterações efec-

tuadas no sistema educativo, levaram a uma aposta por parte dos jovens pós-25 de Abril na escolarização e na profissionalização. O número de inscritos no Ensino Superior aumentou drasticamente neste período. Talvez por isso, e ainda por um trabalho de bastidores realizado na escola onde António Laranjo tinha acabado de ingressar, em Dezembro de 1974 é publicado um decreto-lei que viria alterar a designação da escola para o que ainda permanece hoje: Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Assim, aos 16 anos, passou a integrar uma escola de nível universitário, completando nela quatro anos de formação.

Recorda os poucos colegas de então, já casados e com carro, e ele sequer ter idade para tirar a carta, lá estava, ainda com a leviandade própria da adolescência.

Apesar de fisicamente em Lis-

boa, Santarém continuava a chamá-lo. Homem de afinidades, começou a namorar aos 17 anos com Maria do Rosário, cuja companhia não dispensava todos os fins-de-semana, em Santarém. Sete anos volvidos casou, casamento que permanece até hoje e do qual nasceram os seus dois filhos, Liliana e Ricardo. Este tem sido, aliás, o projecto mais longo da sua vida, pois todos os outros não vão muito além dos três anos.

No período de estudante do ISEL, com o irmão mais velho já casado e a viver em Santarém, e os pais a viverem na pequena casa da sua avó paterna, António Laranjo lutou pela sua

independência. Decidiu prontamente alugar um quarto, sempre próximo dos pais, onde pôde estudar e, viver novas experiências, à semelhança de qualquer outro estudante.

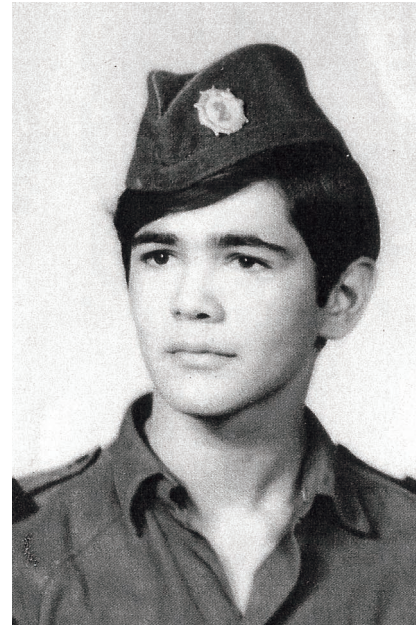
No ISEL, aquele a quem ainda chama seu mentor, revelar-se-ia fundamental para o seu futuro: Reis Videira, professor do Departamento de Engenharia Mecânica, que viu no jovem aluno o “sonho dourado”.

Desde sempre caracterizou a sua postura como a de um “sujeito muito arrumado”. A sua capacidade mental para fazer enquadramentos não era muito comum. Saltavam à vista as suas extraordinárias competências de trabalho, associadas a um nível de exigência que o impelia a seguir sempre os caminhos mais difíceis. Talvez por isso, e apesar de ter continuado no ISEL após a conclusão dos estudos, como monitor, em 1979, (passando mais tarde a professor do

Departamento de Mecânica, substituindo aquele que inicialmente fora o seu mestre), este terá sido apenas um degrau. Muitos foram os que viram as suas expectativas deitadas por terra, pois o mais previsível seria uma carreira no ensino.

Nesse mesmo ano ingressa, após um estágio de Verão, na General Motors, contratado para a área de projectos, onde permanece até 1982, ano em que decide sair por vontade própria, e sem garantia de outro emprego. Na altura, casado e já com uma filha, arriscou tudo e iniciou a sua própria empresa, aproveitando o conhecimento adquirido na GM. Correr riscos sempre foi para desafio estimulante.

Acabou por ser esse o projecto que lhe trouxe a experiência mais negativa. A responsabilidade associada ao facto de ter trabalhadores, e respectivas famílias, dependentes da sua actividade, não lhe agradou



Na “Bufa”, aos 12 anos

mesmo nada. E espera (deseja) não repetir a experiência.

Em termos académicos, faria uma rápida incursão no Instituto Superior Técnico, mas por falta de tempo acabaria por não continuar, deixando para mais tarde a aquisição de mais formação. Acabaria por concluir a licenciatura em Produção Industrial na Faculdade de Ciências e Tecnologia, muito por influência de Luís Vicente Ferreira (actual Presidente do IPL), seu colega e amigo de sempre, também ele aluno desta Faculdade. Mas ainda assim, voltaria ao IST para fazer formação em Produção Integrada Computacional. O mestrado em Gestão de Projectos da Universidade Aberta foi o passo seguinte, também importante para servir de suporte à sua já extensa actividade profissional.

A procura de conhecimento é algo que para o já membro sénior da Ordem dos Engenheiros está sempre associada. Sendo considerado por todos quantos o conhecem de perto uma mais-valia como profissional do terreno, nunca descurou porém o lado mais teórico. Todo o tempo que tem aproveita, entre outras coisas para colocar a leitura em dia, preferindo acima de tudo livros técnicos, que permitam mantê-lo actualizado. Guarda no entanto na memória livros que o marcaram, como Papillon, de Henri Charrière, e o célebre Diário de Anne Frank.



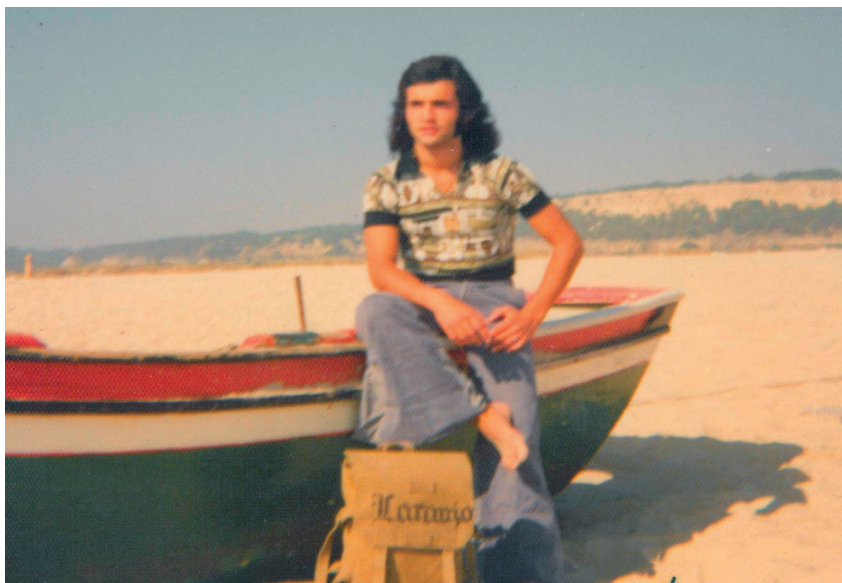
No dia da Profissão de Fé aos 15 anos

O Protagonista

O seu perfil faz com que seja desafiado por empresas que a todo o custo procuram a sua experiência. Tal aconteceu também, em 1990, ano em que a Unicer o contratou para criar a sua nova unidade de produção de esmalte no Poceirão. Acabaria por ascender a director-geral da Malteria, mas o facto de não poder fazer nada de novo cansou-o, levando-o a procurar um novo caminho.

Como bom nativo virgem que é, o aproveitamento que faz dos seus tempos livres sempre cuidadosamente planeados, serve sempre de impulsionador para a profissão. Um desses exemplos foi a ida em lazer em Setembro de 1992, à Expo'92, em Sevilha, que traria uma das grandes mudanças à sua vida. Ficou maravilhado, encantado com tudo o que viu, guardando até hoje imagens na memória que jamais poderá esquecer. Esta é, sem dúvida, uma capacidade que condiz consigo mesmo, o nunca conseguir deixar de estar atento aos pormenores, e de neles ver sempre motivo para a sua própria motivação e evolução.

A chegada a Lisboa coincidiu com a difusão da notícia de que Portugal iria receber a próxima exposição mundial, no ano de 1998. O seu esboçado sorriso, não engana, ao ouvirmos o relato do momento em que decidiu enviar uma carta de candidatura, à comissão organizadora da Exposição. Estávamos em Dezembro de 1992, e a 4 de Janeiro de 1993 entra para a Organização.



Na Costa da Caparica, por alturas do 25 de Abril

A gestão do projecto de construção da Gare Intermodal do Oriente ficou a seu cargo, sendo que após esta, passou a seu administrador até 2000. Viveu a Expo'98 com um sentimento único, com a visão de que este país que é Portugal tinha, e tem, muito mais para explorar.

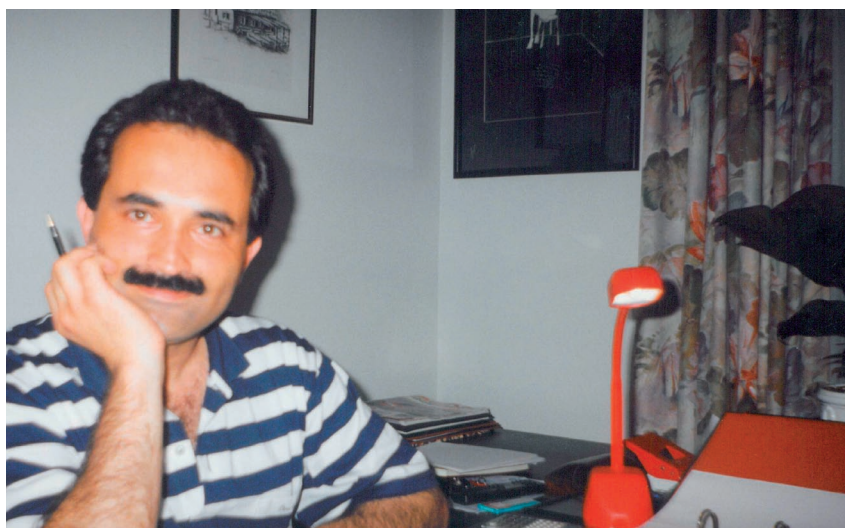
A envolvimento que teve neste projecto partiu de um ingrediente essencial, o facto de se realizar na cidade de Lisboa. Apesar da timidez que o caracteriza, e de não se sentir confortável em ambientes populosos e desconhecidos, acaba por se sentir muito bem em Lisboa, a sua cidade e a sua casa, não obstante as multidões.

A sua luz única, o rio e também as pessoas, seduzem-no. Já foi por inúmeras

vezes convidado para exercer funções no estrangeiro, recusando sempre. Não consegue imaginar-se longe desta cidade e da vida que nela construiu.

A sua fama precedia-o e acabaria por levá-lo a outros projectos, cujos convites não se fizeram esperar. Em 2000, Fernando Gomes, na altura, Ministro da Administração Interna, chamá-lo-ia para a preparação do Euro 2004. Ao assumir o desafio, assumiu nele a grandeza de um projecto que conduziu o País a uma transformação emocional muito grande. Aqui entrou em campo Gilberto Madaíl, Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, que acabaria por se referir à escolha de António Laranjo para director do projecto como tendo sido fruto de um momento em que foi iluminado.

O Euro 2004 fez com que tudo extravasasse em Portugal, em consequência de uma coesão muito forte que se gerou. Em cada indivíduo, de cada nação, surgiu uma empatia muito grande, estando sempre presente, como denominador comum, a paixão pelo futebol e o desportivismo. A par do suíço Martin Kallen, director de operações da UEFA, António Laranjo foi um dos homens do presidente Gilberto Madaíl, para colocar tudo a funcionar. A obra ficou à vista de todos. Foi considerado o melhor campeonato de sempre. Como alguns vizinhos espanhóis diriam em manchete – “Um Sonho Feito Realidade”.



Jovem estudante do ISEL, aos 27 anos, num quarto alugado em Lisboa

Ao reviver os pormenores deste projecto, o seu rosto ilumina-se, os seus olhos brilham, sobretudo quando faz questão de referir o papel fundamental de Manuel Quaresma, seu director-adjunto, que faleceria dias após a conclusão do campeonato.

O contributo de António Laranjo viria a valer-lhe a atribuição do título de Comendador da Ordem de Mérito, em Julho de 2005, condecoração que lhe foi entregue pelo Presidente da República de então, Jorge Sampaio. A própria Federação Portuguesa de Futebol acabaria por atribuir-lhe a Medalha de Ouro ao Mérito Internacional.

O turbilhão de emoções que viveu na altura, ressuscitou em si o gosto pelo futebol, adormecido desde os tempos em que foi jogador dos Águias de Alpiarça. Há ainda quem diga que poderia ter sido um jogador com futuro, mas a falta de tempo, que o acompanha desde sempre, levou-o a tomar opções.

A final da Taça UEFA seria naturalmente o seu projecto seguinte. Naturalmente, porque ficaram marcadas as capacidades para or-



Nas marchas populares em Lisboa com uma amiga

ganizar este tipo de eventos, para além de estarem todas as condições logísticas reunidas para o efeito. Pelas mãos de António Mexia, ministro das Obras Públicas na altura, e de quem chegou a ser assessor, chega à Presidência das Estradas de Portugal. Antes, em 2004, o seu nome é apontado para substituir Fernando Pinto à frente dos destinos da TAP, mas a efectivação não se concretiza, com muita pena sua.

As Estradas de Portugal (EP) marcaram uma viragem significativa na sua carreira. A presidência de uma empresa desta dimensão implicava uma gestão de fundo. Olhou para as EP como a necessidade de desenvolver e criar um espírito muito semelhante ao das empresas que têm projectos.

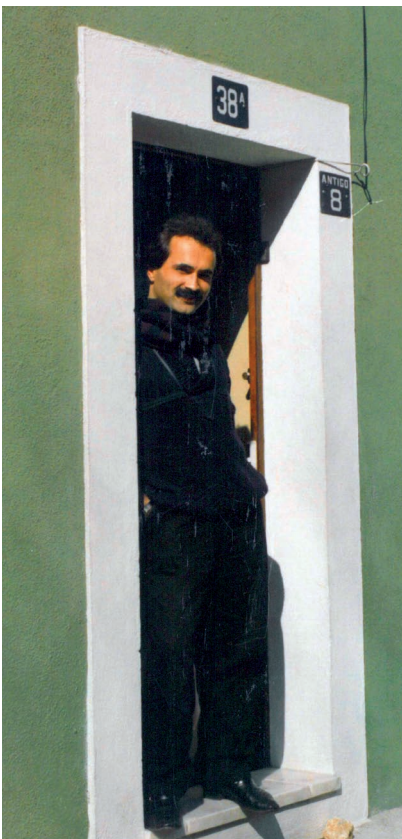
Entre 2004 e 2007, ano em que acabaria por sair das EP por decisão do actual Governo, manteve-se de corpo e alma na empresa. Isto, apesar de em 2005 ter colocado o seu lugar à disposição, aquando da eleição do novo Executivo.

A lição de vida que com os pais aprendeu, sempre fez com que o seu lado humano sempre estivesse à vista de todos. Valores como a humildade e o respeito ao próximo, levam-no a encarar tudo de forma diferente. Talvez

por isso tenha sido o primeiro presidente das Estradas de Portugal a percorrer os dezoito distritos, e a saber os nomes próprios de cerca de 90% dos trabalhadores da empresa. A sua visão, é de que “por detrás de um presidente ou de um cantoneiro, seja ele quem for, há sempre uma pessoa”.

O seu espírito aventureiro fez com que se aproximasse dos funcionários, não só como profissional, mas também a outros níveis. Viu na Casa de Pessoal das EP uma forma de motivar equipas mais ampla. Normalmente, os eventos realizados nas empresas são mais dirigidos aos líderes, aos quadros. A Casa de Pessoal parecia-lhe a melhor forma de se dar a aproximação entre órgãos dirigentes e a restante pirâmide. Desde o início, e para espanto de todos, fez questão de participar em todas as actividades organizadas pelo núcleo, levando a restante equipa da administração a acompanhá-lo. Entre um misto de medo e de inibição genuína, passou por um momento quase constrangedor em que os funcionários o viram. Nunca antes tinham estado tão próximos de um presidente.

O número de associados da Casa de Pessoal aumentou exponencialmente, passando de uma organização mais direccionada para a vertente



À porta da casa dos pais

O Protagonista



Em 2006, quando presidia à empresa Estradas de Portugal

desportiva, para iniciativas mais alargadas. Todos queriam conviver com António Laranjo. O óptimo comunicador que é, associado à sua figura sedutora cativou tudo e todos.

As capacidades de jogador, já um pouco adormecidas, foram de novo reavivadas neste período, com a realização de campeonatos de futebol muito concorridos. João Cardoso,

presidente da Casa de Pessoal, e “detentor do seu passe” como jogador, refere rindo, que todas as equipas se debatiam para o ter a jogar com elas.

O gosto pessoal pelo desporto automóvel, um pouco por influência do pai, especialista em automóveis de competição, levou-o também a participar e a vencer campeonatos de karting, acompanhado do seu filho Ricardo, já seu cúmplice nestas andanças.

A sua versatilidade não fica por aqui. Haveria de chegar a “menina dos seus olhos”, o Coro da Casa de Pessoal, do qual é fã n.º 1, e no qual só lhe falta cantar.

Apesar da sua saída, algo inesperada, da presidência das Estradas de Portugal, o contacto com as pessoas mantém-se. Como sócio honorário n.º 1, frequenta, sempre que a sua disponibilidade permite, as iniciativas da Casa de Pessoal das Estradas de Portugal. Compreende a opção política, mas reforça ter saído tranquilo com o dever cumprido.

Desde 2005 que não tem férias, mas a falta de tempo não o incomoda. Quando participa em pequenos projectos, aos quais se associa pelo



Na Gare do Oriente, durante uma cerimónia oficial, com a secretária de Estado dos Transportes, Ana Paula Vitorino



Na despedida das Estradas de Portugal, em Novembro de 2007, rodeado pelos seus colaboradores mais directos

apelo interior que julga tê-lo despertado para a solidariedade, sente que o seu tempo está a ser aproveitado em benefício próprio. A oferta que fez do seu casal de cães-pastores da Serra da Estrela, já considerados mascotes, ao Jardim de Infância, o Ninho, frequentado pelos filhos dos funcionários da Casa de Pessoal das Estradas de Portugal, é a prova que torna visível este seu lado solidário.

Privilegia o contacto com a natureza. O convite à reflexão e a limpeza espiritual que lhe proporciona uma viagem pela marginal da linha de Cascais, é algo que tenta sempre que pode preservar. Neste caso, considera-se muito solitário.

Como um homem não tem só virtudes, confessa roer as unhas, qual sinónimo da sua eterna impaciência. Das suas viagens em trabalho, recorda uma à Coreia, em que emagreceu cinco quilos. A apresentação da comida é algo a que dá muita importância. Gosta de saber em que condições a comida foi confeccionada. A fome fez com que recorresse duas vezes numa semana à fast-food (que não aprecia) como solução de recurso. A cozinha não o assusta e até sabe cozinhar umas coisas, mas não é algo que lhe dê prazer. Por outro lado, garante ser adepto fervoroso da cozinha vegetariana, à qual recorre sempre que pode. Não é guloso, mas quando todos

dormem, lança-se às bolachas com marmelada, como se cometesse um pecado mortal. Mas, tem cuidados, ou não fosse visto por quem o conhece como um homem muito vaidoso e de figura impecável.

Agora, como tem mais tempo para gerir a sua vida, e apesar de se ter lançado de corpo e alma, ao grande projecto da Rede de Alta Velocidade, pode dedicar-se mais a outras actividades. Está sempre disponível

para os que pedem o seu apoio para causas nobres.

A sua simpatia e o sorriso que conserva desde criança, são contagiantes. Diz quem o conhece que acima de tudo é amigo do seu amigo.

Com um saber estar na vida como ninguém, os projectos para o futuro estão sempre em carteira. Há quem o apelide de “nata do país”. Outros dirão que se aceitar enveredar pela política, vai atingir um patamar muito elevado.



Com o irmão e o filho no Kartódromo de Santarém

A família por detrás do homem

À MEDIDA que se dá a conhecer, não é difícil perceber o papel que a família teve, e ainda tem, na vida e nos ideais de António Laranjo. De origem humilde, o pai, Rogério, mecânico de profissão, travou uma luta diária para sustentar a família, constituída por três filhos, nascidos em períodos distintos, e a mulher, Manuela, dona de casa. Unidos, sempre estiveram todos em redor do pai, apoiando-o nas dificuldades.

António sempre esteve com o “paizinho”, numa relação de grande proximidade e, também, de grande independência. O irmão mais velho casou e fez vida em Santarém. A “menina”, a irmã mais nova, também se licenciou por esforço próprio, como ele. O irmão mais velho, Henrique, nunca demonstrou o mesmo interesse, mas está bem na vida. Sempre que pode, António Laranjo desloca-se a Santarém para o ver e com ele revisitar os lugares onde se divertiam na infância. A

família continua a reunir-se toda em Lisboa, quando a ocasião o permite.

Rogério, o patriarca da família, de olhos de um azul a perder de

sossegada que ele era, muito esforçado em tudo o que fazia. Apesar do olhar maroto e sedutor, António era uma criança muito meiga e muito amiga, principalmente dos pais e da avó. Criado sob os ensinamentos católicos, fez o percurso tradicional da igreja, chegando a catequista. Hoje, como na altura, continua a ser um homem de fé.

Os carros eram a sua paixão, mas como tinha o hábito de fazer várias coisas ao mesmo tempo, nem sempre conseguia dedicar-se ao que mais gostava. Os estudos levaram-no a abandonar o futebol, apesar do muito jeito que tinha.

Rogério guarda na memória o percurso profissional do filho, falando do imenso orgulho que sente por ele, “um filho cinco estrelas”, daqueles com um sexto sentido que lhe diz quando os pais precisam da sua ajuda.

E a uma geração, outra se segue. António Laranjo formou a sua própria família e hoje também ele vê nos seus dois filhos motivo de muito orgulho. Liliana, a filha mais velha (25 anos), que herdou do pai a grande capacidade de trabalho, é já médica, estando neste momento a concluir o internato no Hospital de Santa Maria em Lisboa. Lembra-se de estudar no escritório enquanto o pai trabalhava a seu lado. Aos 16 anos ainda pensou em seguir engenharia, mas o pai advertiu-a das dificuldades, do trabalho absorvente que a esperaria.

Liliana Laranjo diz que o pai vive para o trabalho a que dedica parte substancial do seu tempo, mas confessa-se contente e orgulhosa por tudo o que ele fez e pelo reconhecimento que obteve e continua a obter na sociedade portuguesa.



Com o irmão, à esquerda, e a avó paterna

vista, lacrimėja quando recorda a infância do filho, que não saía da oficina, sujo de óleo, sempre pronto a ajudá-lo. Lembra a criança



Foto Vanessa de Sousa Clória

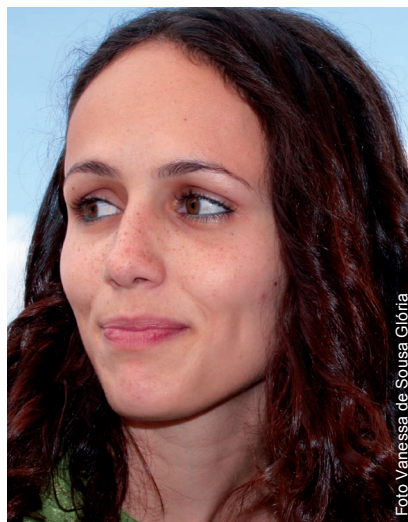


Foto Vanessa de Sousa Clória

Rogério Silva, o pai, e a jovem médica Liliana Laranjo, sua filha

A importância do saber fazer



Foto Vanessa de Sousa Glória

Com o arquitecto catalão, Santiago Calatrava, na Gare do Oriente

O MAIS IMPORTANTE projecto nacional em curso, a Rede de Alta Velocidade, ao qual se entregou António Laranjo, teve mais um avanço em Abril de 2008. Numa cerimónia, realizada na Gare do Oriente, na qual a Politécnica marcou presença, foram assinados vários protocolos, entre os quais o do projecto de adaptação da estação à Rede de Alta Velocidade. O arquitecto Santiago Calatrava, autor do projecto de construção da Gare Intermodal do Oriente, vai trabalhar no sentido de permitir a sua adaptação à realidade do comboio da Alta Velocidade.

Este avanço, marcado pela presença de José Sócrates, primeiro-ministro, Mário Lino, ministro dos Transportes e Obras Públicas e Ana Paula Vitorino, secretária de Estado dos Transportes, contou ainda com o nosso protagonista António Laranjo. Foi aliás um dos oradores da cerimónia, cabendo-lhe a apresentação detalhada do processo que permitirá fazer da Gare do Oriente a estação estratégica da Alta Velocidade, transformando-a numa plataforma intermodal. Na sua intervenção, António Laranjo, fez questão de ressal-

tar, entre outras linhas de orientação, o privilégio dado à intermodalidade e interoperabilidade.

O amigo, Santiago Calatrava, como afectuosamente o apelida, foi naturalmente o centro das atenções. Confessa-se um fã convicto do trabalho de Calatrava, que cedo expressou a emoção de voltar a Lisboa, e à “sua estação”. Sempre rodeado por António Laranjo, a quem coube a tarefa de receber o genial arquitecto, Calatrava mostrou-se sempre disponível para responder às questões colocadas

pelos jornalistas. Comentando o seu reencontro profissional com António Laranjo, o catalão anima-se, identificando nele “o espírito motor da Gare do Oriente, a pessoa que serenamente, com um saber fazer extraordinário, fez com que a estação estivesse terminada a tempo”. E sublinhou o seu “grande respeito” pela sua capacidade de trabalho, para além da grande amizade que partilham até hoje.

O facto de estarem novamente juntos neste projecto, só pode significar o sucesso da sua concretização. Confiante neste facto, Ana Paula Vitorino fez questão de ter Laranjo a trabalhar consigo e, por isso, cometeu-lhe a responsabilidade de assumir a direcção do projecto de construção das estações da Rede de Alta Velocidade. Já Carmona Rodrigues, que o acompanhou em várias etapas dos inúmeros projectos por onde passou, não tem a menor dúvida em afirmar o quão seria benéfico haver mais do que um António Laranjo em locais estratégicos. “A imagem que passa, é sinónimo de qualidade, de uma grande capacidade de trabalho associada à técnica e a um bom senso inigualáveis” – diz o ex-presidente da Câmara de Lisboa.

Todos os que o conhecem de perto, falam da extrema lealdade que tem sempre para quem o nomeia, o que denota que apesar de longe do teatro político, os actores políticos vêm nele o saber fazer, independentemente das pessoas com quem trabalha.



Na final da Taça UEFA, em 2005, com Gilberto Madalí, Carmona Rodrigues e Paulo Sousa

Coleccionador de prémios

A ORDEM de Mérito Civil condecora actos praticados no exercício de quaisquer funções, públicas ou privadas, que revelem a qualidade dos serviços em favor da colectividade. O nome de António Carlos da Silva Laranjo passou a constar, desde 4 de Julho de 2005, da lista de membros das Ordens Honoríficas Portuguesas.

O homenageado dificilmente consegue descrever o que sentiu quando recebeu a notícia. Da cerimónia presidida pelo Presidente Jorge Sampaio, em que foi agraciado com o título de Comendador da Ordem de Mérito, guarda a tranquila sensação do dever cumprido na organização do Euro 2004.

Mas esse ano de 2005 ainda não tinha terminado. As manifestações de reconhecimento pelo seu trabalho tinham começado a 17 de Maio, pelas mãos do secretário de Estado da Juventude e Desporto, Laurentino Dias, que por decisão do Governo lhe atribuiu a Medalha de Mérito Desportivo. O facto de estar associado àquele que foi considerado "o melhor Campeonato da Europa alguma vez realizado" projectou-o para a ribalta.

A própria Federação Portuguesa de Futebol, na sua Assembleia Geral de 30 de Junho, aprovaria por unanimidade e aclamação, a atribuição da sua mais alta distin-



Foto Vanessa de Sousa Glória

ção, a Medalha de Ouro ao Mérito Internacional.

Já este ano, António Laranjo, escolhido como orador da cerimónia evocativa do 22.º aniversário

do IPL, foi homenageado pelo presidente da instituição, Vicente Ferreira, seu grande amigo, com a Medalha de Emérito. E outras, seguramente, se seguirão.



Foto Paulo Silveiro

Condecorado por Jorge Sampaio com a Ordem de Mérito Civil; e pelo presidente do IPL com a Medalha de Emérito